

REPENSANDO A GEOGRAFIA URBANA(*)

Ana Fani Alessandri Carlos(**)

Visto que o processo de produção do conhecimento é coletivo, a constituição da Geografia Urbana deve ser colocada nessa perspectiva. Ao longo de mais de meio século vai se gestando na geografia vários modos de ver/entender o fenômeno urbano.

Repensar a Geografia Urbana nos coloca diante de algumas questões: Como pensar/analisar hoje a cidade e o urbano? Qual seu conteúdo? Quais as categorias de análise? Como se coloca o pensamento geográfico enquanto explicitação da realidade urbana? Essas questões abrem a perspectiva para se pensar criticamente a produção geográfica na área do urbano.

A geografia como saber, como processo de conhecimento e criação, é a cada momento histórico, um modo de pensar a época. "A evolução do pensamento geográfico, como diz Paul Claval, se inscreve num movimento geral de curiosidade científica e intelectual que ordena seus objetos segundo inquietudes e paixões do momento".

A geografia se move no contexto da produção da ciência e se reproduz em função de um processo de conhecimento que é dinâmico e ininterrupto. Nesse sentido, como acontece com qualquer ramo do conhecimento, a geografia passa por transformações. Mudanças estas que se fazem necessárias pela própria natureza do processo de conhecimento. A Geografia Urbana coloca-se diante da necessidade de se refletir sobre os caminhos traçados pela pesquisa urbana. A possibilidade de se pensar criticamente a produção geográfica brasileira nos dá a dimensão exata dos percalços, bem como dos seus avanços e nos leva a refletir sobre seus momentos de ruptura.

Depois de uma longa fase descritiva, em que as contradições eram eliminadas, o homem aparecia como integrante de grupos e o espaço entendido como palco da ação humana, passamos por um período em que se pensa o homem enquanto membro de uma sociedade de classes, e sujeito do processo de produção espacial.

A fase descritiva não foi eliminada, mas superada rumo a produção de um arcabouço teórico capaz de explicar a realidade, onde as contradições sociais, na sua expressão espacial, afloram com toda sua força. Não se quer dizer com isso, que o que se convencionou chamar geografia clássica ou tradicional foi "jogada fora" pois assistimos um processo de superação.

A localização, a descrição, os procedimentos empíricos, continuam como parte integrante dos trabalhos no sentido em que aparecem como primeiro passo fundamental para elaboração da análise e da real compreensão do fenômeno. A maior crítica que se fazia à Geografia clássica referia-se ao fato de que ela não conseguia ou não se preocupava em produzir uma teoria capaz de levar à efetiva compreensão da realidade a partir dos fenômenos espaciais.

Nos últimos 20 anos uma nova preocupação se fixa, *a geografia precisa pensar a sociedade*, entendê-la e produzir uma teoria capaz de explicitá-la. Coloca-se como fundamental novas formas de *pensar, fazer e ensinar* a geografia. Esta não é mais o estudo do lugar, o homem não se coloca mais como um elemento da paisagem e o

(*) este texto foi elaborado a partir do trabalho "Repensando a Geografia Urbana: uma nova perspectiva se abre" – apresentado no I Simpósio Nacional de Geografia urbana, novembro/89. São Paulo.

(**) Professor-Assistente Doutor do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

espaço é humano porque o homem o produz, não porque nele habita.

A geografia, enquanto ciência, passa a explicar o processo da produção espacial a partir da produção/reprodução da vida humana e nesse sentido, o homem de habitante passa a ser entendido como sujeito dessa produção. Nessa perspectiva a sociedade considerada como criadora de espaços é a sociedade tal como ela é, dividida em classes. Parte-se para uma geografia mais engajada, consciente dos problemas do homem, voltada para a realidade não só enquanto forma para sua explicação e/ou compreensão, mas de sua transformação. Isto porque a geografia vem se posicionando frente a realidade entendendo-a em suas múltiplas determinações; em sua multiplicidade de tensões, de confrontações, de lutas, tomando consciência das contradições inerentes ao processo de construção da realidade urbana. Isto é, privilegia-se o real em sua dimensão histórico-social.

Outro aspecto fundamental de mudança no "fazer-se" a geografia é que o real é analisado enquanto realidade vivida, isto é, entendido na perspectiva dos homens reais, produtores da realidade, de seus valores e suas lutas e possibilidades. Por outro lado o sujeito cognoscente tornou-se um elemento integrante dessa totalidade superando a idéia do pesquisador "frio e distante" que vê a realidade de fora na postura de querer racionalizar ao máximo em nome de um cientificismo descompromissado. Parece também estar afastada a postura que contrapõe, mecanicamente, a inteligência e a sensibilidade.

Os Geógrafos Urbanos vem realizando um trabalho de pesquisa que se pode dizer mais reflexivo, onde os fenômenos são apreendidos em sua dimensão histórica. Ultrapassa-se o nível da descrição do aparente, supera-se o nível fenomênico indicando uma direção capaz de entender a lógica do urbano e com isso poder pensar na sua transformação. Reflete-se sobre o sujeito que produz a cidade.

Os últimos anos da década de 70 e os anos 80 marcam essa mudança radical. Novos temas aparecem, mais particularmente, novas abordagens teóricas-metodológicas se impõem de forma definitiva.

Uma avaliação crítica sobre a produção científica elaborada numa determinada época, num momento histórico definido da produção do conhecimento, expressa necessariamente, o pensamento de uma época: seus impasses, suas preocupações e perspectivas.

Estamos caminhando para a construção de um quadro teórico capaz de explicitar a natureza da produção do espaço urbano na articulação dos elementos inerentes à realidade urbana em seu movimento.

Novos modos de entendimento do espaço geográfico emergem enquanto construção histórica e social que resgata a dimensão do humano. A passagem do entendimento da organização do espaço para o espaço produzido, aponta uma superação importante.

O espaço deixa de ser natural, isto é, apesar de guardar sua dimensão natural, a social assume papel preponderante, abrindo novas perspectivas para a geografia. Pensar o espaço urbano enquanto produto social significa que o produto deve, necessariamente, ser reconstruído no conjunto de suas relações e o isolamento de um momento do todo só pode ocorrer pela mediação de um outro objeto que não é completamente isolável. O todo social é dado como organização prática e a unidade do mundo se constitui no plano do humano.

O homem não é mais o elemento de um grupo, mas um indivíduo, membro de uma sociedade de classes e a natureza, no que se refere ao urbano, é vista também em sua dimensão histórica e social. A noção de espaço produto do trabalho social suplanta o da simples organização pelo grupo humano. Como consequência uma nova concepção do homem enquanto indivíduo que se produz, a si mesmo e pelo trabalho.

Tal postura traz para a geografia a necessidade de compreensão do movimento das coisas e as coisas em movimento o que leva ao entendimento das contradições, permitindo orientar o pensamento para a ação, e pensar a transformação da sociedade.

Compreender aquilo que foi pensado projetado no curso da história implica uma nova elaboração do urbano.

Mudou-se o enfoque e com ele novas categorias se articulam. É o caso da articulação entre renda/uso do solo;

renda/propriedade privada, movimentos sociais urbanos/estado, desemprego/subemprego.

Tal procedimento procura estabelecer as mediações que ajudam a pensar o urbano como movimento contraditório, enquanto unidade do diverso, permitindo analisar as contradições que estão na base da explicação da realidade urbana.

Essa nova tendência é produto direto da mudança da conjuntura política e intelectual que, depois de algum tempo voltadas às necessidades do planejamento racional do espaço urbano, volta-se para horizontes mais amplos caracterizado pelo desenvolvimento do pensamento crítico.

Há nesses trabalhos uma mudança radical no entendimento da cidade e na compreensão da natureza do urbano. De uma "reunião durável de homens e habitações humanas que cobre uma grande superfície" (RATZEL), ou mesmo entendida como uma aglomeração de homens mais ou menos durável densa e permanente, altamente organizada (SORRE) ou ainda "um agrupamento cujos meios de existência normais consistem na concentração de formas de trabalho não consagrado à cultura" (Von Richthofen); a cidade passa a ser entendida enquanto, materialização do trabalho humano, portanto uma criação social.

Assim, a noção de cidade evolui; de organismo funcional passa a ser entendida a partir da idéia de trabalho materializado, enquanto elemento de uma totalidade espacial; marcando o limite entre a cidade e o urbano. A cidade é entendida de três pontos de vista: a) cidade enquanto locus da produção; b) cidade enquanto reprodução da força de trabalho; c) aquela que articula as duas anteriores, permitindo pensar/apreender a dimensão do homem e do humano, articulando as várias dimensões da cidade.

Do ponto de vista das categorias de análise pode-se notar dois comportamentos: a) como vimos os elementos da realidade urbana ganham nova dimensão na análise, a partir do processo de superação. É o caso das análises sobre o comércio, a indústria, que deixam de ser visto como meras funções urbanas. b) outros elementos da realidade urbana ganham relevância na explicação

incorporando-se à análise, como a questão do estado – o público e o privado; a análise do cotidiano e do modo de vida urbano, os processos de valorização do espaço bem como a segregação espacial e a questão das lutas urbanas pelo direito à cidade.

O espaço urbano de palco da atividade humana passa a ser analisado enquanto produto histórico e social; desigual e contraditório, lugar privilegiado das lutas de classe e dos movimentos sociais.

Uma postura de procura de novos caminhos teórico-metodológicos, para o entendimento do urbano emerge da postura crítica diante da produção geográfica, e do fato de que o instrumental analítico legado pela geração precedente de geógrafos, bem como sua análise superficial e, às vezes, simplista, levou à justaposição dos fenômenos num universo desatualizado, calcado numa roupagem enciclopédica.

Em contrapartida o que se convencionou chamar geografia crítica, se propõe pensar o urbano para além de sua dimensão formal, pronta e acabada rompendo com a idéia positivista do "mistério da produção do fenômeno" (Conti) bem como a consideração de que existe uma correspondência e solidariedade entre os fenômenos terrestres (La Blache).

O urbano analisado enquanto *unidade do diverso*, permite apreender as desigualdades, e, estas abrem a perspectiva de se apreender a dinâmica dos elementos da realidade urbana, na medida em que os contrastes, longe de serem analisados de modo separado em segmentos homogêneos (dentro da cidade) passam a ser analisados em sua relação contraditória. Nesse sentido é possível entender a cidade em sua multiplicidade.

O processo de produção do espaço é desigual, isto aparece claramente na paisagem através do uso do solo decorrente do acesso diferenciado da sociedade à propriedade privada da terra, e as estratégias de ocupação do espaço urbano passam de um lado pela estratégia das empresas que produzem sobre o solo – uma estratégia que busca realizar o super lucro mas de outro, pela estratégia dos movimentos sociais que emergem como decorrência do processo de reprodução do espaço capitalista

(apropriação privada), que gera a segregação espacial e se colocam enquanto revelação da identidade do homem através da ação: início de um processo que tende a afetar a vida daqueles que dele participam através do contato com o outro.

O urbano vai se reproduzindo a partir da luta de interesses entre o que é fundamental para a reprodução do capital de um lado e, da vida de outro.

Abre-se com essa postura a perspectiva de se pensar os atores/sujeitos que produzem o urbano entendendo-os como agentes do processo de produção – *latu sensu* – produção de uma identidade e de uma compreensão sobre a cidade produzida em sua materialidade espacial e nas condições de existência que cria. *O saber pensar o espaço* aparece como questão fundamental, na medida em que a espacialidade das relações sociais é a dimensão específica da geografia, aquilo que também a diferencia dos outros ramos do conhecimento.

Podemos afirmar que a geografia urbana tem efetivamente caminhado na direção da construção de uma teoria da realidade urbana, onde os fenômenos são apreendidos em sua dimensão histórico-social, em sua totalidade espacial, o que permite pensar o que está por trás do aparente e com isso propiciar o entendimento aprofundado do urbano. Chega-se/parte-se dos atores-sujeitos que produzem a cidade e o espaço urbano, enquanto agentes do processo de reprodução da sociedade.

As contradições e os contrastes emergem no cotidiano das pesquisas que longe de serem analisados enquanto separação de fatos e fenômenos observáveis, passam a ser analisados em sua articulação dialética, enquanto unidade do diverso. Não se busca, como antigamente, a regularidade dos fenômenos urbanos, mas a essência contraditória e o movimento capaz de nos levar ao entendimento da natureza do urbano.